

# Teias Sagradas e Profanas\*

O lugar do batismo e compadrio na sociedade  
de Vila Rica durante o século do ouro

## *Sacred and Profane Webs*

*The role of baptism and godparentage in  
Vila Rica during the Age of Gold*

**DONALD RAMOS**

*Cleveland State University*

**RESUMO** O presente ensaio contém considerações acerca de duas investigações interdependentes. A primeira diz respeito ao uso do banco de dados de registros de batismos de Ouro Preto como uma ferramenta para o estudo da demografia de Vila Rica durante o século XVIII. O que parece mais notável neste exame geral é o fato de que a maioria das crianças nascidas livres era legítima e que, ao contrário do esperado, houve um declínio na proporção de crianças legítimas ao longo do século. A análise demográfica mais ampla serve como pano de fundo para um estudo detalhado do sistema de compadrio que privilegia tanto seu papel espiritual quanto sua função social. A natureza e o funcionamento do compadrio são investigados para as comunidades livre e escrava. É interessante observar o uso do compadrio para estabelecer estruturas hierárquicas dentro da comunidade escrava, apesar dos esforços por parte dos oficiais coloniais no sentido de obstruir o desenvolvimento deste sistema de autoridade rival. Ao trazer o sagrado para o interior da família a escolha da Virgem Maria e de santas católicas como madrinhas é vista como uma ponte entre os mundos espiritual e profano.

---

\* Artigo recebido em: 20/12/2003 - Aprovado em: 20/12/2003.

**Palavras-chave** batismo, compadrio, demografia histórica

**ABSTRACT** This essay contains considerations on two interdependent examinations. The first is the use of the baptismal data bank for Ouro Preto as a tool in the study of the demography of Vila Rica during the eighteenth century. Of particular note in this global examination is the fact that most free children during the eighteenth century were legitimate and that contrary to expectations there was a decline in the proportion of legitimate children over the course of the century. This broad demographic examination creates the context for a detailed study of the compadrio system, privileging its spiritual role as well as its social function. The nature and functioning of godparentage is explored for both the free and slave communities. Of particular note is the use of godparentage to establish hierarchical structures within the slave community despite efforts by royal authorities to prevent the development of this competing system of authority. The selection of the Virgin Mary and Catholic saints as godmothers is seen as a bridge between the spiritual and profane worlds by bringing the sacred into the family.

**Keywords** baptism, godparentage, historical demography

Para o habitante de Minas Gerais no século XVIII, o batismo anunciava a sua entrada na vida da comunidade. Por isso e por vários outros motivos, o estudo de batismos nos oferece mais uma oportunidade para analisar a vida e mentalidade dos homens daquele tempo. O banco de dados de batismos da paróquia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto preparado pela equipe chefiada pela professora Adalgisa Arantes Campos nos oferece um recurso importantíssimo para a compreensão da história social de Minas Gerais. Referentes a um dos mais importantes momentos do ciclo de vida dos católicos do século XVIII, estes registros de batismos permitem uma análise da sociedade vilarriquenha em dois níveis: pode-se detectar algumas mudanças demográficas globais, ao mesmo tempo que observa-se o papel do indivíduo na construção da sua vida cotidiana e espiritual. Neste trabalho a base de dados gentilmente oferecida pela Profa. Dra. Adalgisa Arantes Campos será utilizada para examinar a estrutura demográfica da paróquia de Nossa Senhora do Pilar. A análise se pauta na seguinte periodização da História Econômica de Vila Rica: a fase: do descobrimento até 1725 (o *gold rush*); a de 1726 até 1753 (auge de produção de ouro e da economia em geral); e a fase pós-1754 (o período de decadência econômica). Também optou-se por dividir a última fase em duas partes — 1754-1779 e 1780-1810, para melhor medir os efeitos da decadência da economia e para criar períodos cronológicos mais equivalentes.

Um dos efeitos do batismo foi a formação da instituição de compadrio e na segunda parte deste trabalho serão focalizados alguns aspectos deste sistema.

## 1ª Parte: O Contexto Social

A base de dados é composta por 11.296 batismos<sup>1</sup> e sua análise revela uma série de processos demográficos da maior importância para a história social da capitania de Minas Gerais. Talvez um dos aspectos mais interessantes seja a presença de escravos batizados quando adultos: uma presença tão maciça que às vezes tende a ofuscar outros processos demográficos. O grupo de escravos adultos que aparece nestes registros representa apenas uma amostra dos escravos efetivamente importados. O escravo já batizado na África ou em qualquer outro lugar, por exemplo, o porto de entrada do Rio de Janeiro, não podia ser batizado novamente.<sup>2</sup> Exemplos desta regra são encontrados nos registros de batismos. Por exemplo, na outra Paróquia de Vila Rica, isto é, de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias,<sup>3</sup> encontramos o caso de Domingas, uma escrava de Manuel Sousa Viana, adulta e nascida em Angola. Já batizada quando ela chegou à Vila Rica, o ritual do batismo foi terminado pelo padre com a notação seguinte no registro: *Fica sem vigor este assento por se não chegar a baptizar em razão de se averiguar estar já baptisada em Angola.*<sup>4</sup>

1 O banco de dados não representa a totalidade de batismos na freguesia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto durante o período estudado, pois faltam os registros para a década de 1720 e a primeira metade da década de 1730.

2 As regras para o batismo de escravos adultos vêm estabelecidas nas *Ordenações Filipinas*. Reprodução da edição de Cândido Mendes de Almeida (Rio de Janeiro, 1870). Fundação Calouste Gulbenkian, Liv. V, Tit. XCIX. No mesmo Título se encontra a ordem para as crianças escravas *nascidas em nossos Reinos e Senhores* serem batizados igualmente *com os filhos das Christãs naturaes do Reino...* Deve-se salientar que a existência de regras para o batismo nas ordenações do reino é em si mesmo uma manifestação da mistura do secular e eclesiástico que era uma característica da época. O senhor dos escravos adultos tinha seis meses para levar os escravos à pia batismal. Mas encontramos nos documentos casos de batismos extraordinários quando o escravo estava em perigo da morte: *baptizei sub condicione por ter sido baptizado emprigo da morte em caza a Francisco de Nação Minna escravo de Semião Soares morador em São Bartholomeo...* Arquivo da Paróquia de Ouro Preto (APOP), Livro de Batismos, No. 3, Assento de Francisco, 29 Outubro 1749, fol. 65. [Número 1249 no Banco de Dados]. Mas, em outros casos, dependendo aparentemente da capacidade da pessoa que fez o primeiro batismo o vigário poderia aceitar este batismo como suficiente. Por exemplo, em 1775, *Manuel inocente [foi] bautizado em caza por estar em perigo de morte por Manuel Teixeira Souto homem branco intelligente, que vive de negocio seco, que sabe ler, e escrever, a quem examinei da forma do bautismo, ... e achei estar o dito innocente rectamente bautizado assim pello exame que lhe fis como pelo juramente que lhe fis dar em hum Missal, debaixo do qual lhe encarreguei diçese se tinha administrado o bautismo da mesma sorte, que me tinha dito, e explicado: pela qual razão o julguei sem dúvida bautizado.* Arquivo da Paróquia de Antonio Dias (APAD), Livro de Batismos, Nº 4, fol. 52.

3 Vila Rica era dividida em duas paróquias, Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto e Antônio Dias, com a linha de divisão sendo a atual Praça de Tiradentes.

4 APAD, Livro de Batismos, No. 5, fol. 152v. O *Baptisterio e ceremonial dos Sacramentos da Sancta Madre Igreja Romana* publicado em Coimbra em 1730 e presente em Vila Rica ensina que chegando a criatura, quando se houver de baptizar, à porta da Igreja, o Sacerdote ... se informará com diligencia, se os que vem para ser padrinhos, são eleitos, e nomeados pellas pessoas que pertence a tal nomeação, e se são fieis na Fé, e pessoas que lhe possão ensinar a Doutrina Christã.... *Baptisterio e ceremonial dos Sacramentos da Sancta Madre Igreja Romana emendado, e acrescentado em muitas cousas nesta ultima Impressão conforme o Cathecisma, & Ritual Romano.* Coimbra: Officina de Luis Seco Ferreyra, 1730, 1.

Desta forma os casos que aparecem nos registros paroquiais representariam somente aqueles escravos que chegaram à Vila Rica sem serem batizados e cujos senhores queriam que fossem batizados.<sup>5</sup> O corolário seria que os africanos batizados em Vila Rica representariam apenas uma parte das levas de seres humanos que encheram os caminhos de Minas Gerais indo trabalhar nas minas de ouro. Infelizmente, as fontes paroquiais não permitem calcular qual a proporção dos adultos batizados no total de escravos importados.

Mesmo assim, estes batismos medem o pulso do tráfico negreiro e parecem corroborar as hipóteses levantadas por Laird Bergad sobre a reprodução natural da população escrava.<sup>6</sup> Os batismos de escravos adultos começaram a diminuir sensivelmente no terceiro período quando a economia também iniciou sua espiral descendente.<sup>7</sup>

O volume de escravos adultos batizados refletia o clima econômico e sua prolongada elevação constituiu o tempo necessário para o estabelecimento uma estrutura social que permitisse a reprodução natural da mão de obra servil. Durante os primeiros dois períodos, a média anual de batismos de inocentes foi abaixo da média para escravos adultos. Mas no terceiro e quarto períodos, justamente na fase de declínio econômico, a média de batismos de crianças ultrapassou a média para adultos. Aconteceu uma mudança na maneira de suprir a mão de obra servil que não iria mais depender da importação de escravos africanos em Vila Rica. A procura de mão de obra, reduzida pela falta de ouro, iria ser satisfeita pela reprodução natural.

Este processo aparece claramente nos registros de batismos. O número de africanos adultos batizados foi aumentando até a década de 1760, quando então passou a diminuir rapidamente. A década de 1750 foi a auge dos batismos de adultos o que refletia a promissora realidade econômica. Os batismos de africanos constituem um barômetro da situação econômica. A importação foi uma necessidade durante o *gold rush* quando os donos de minas não se interessavam ou não podiam esperar pela reprodução natural da mão de obra. Mas a importação de escravos parece ser uma variável econômica muito sensível. Quando a produção de ouro na região começou a diminuir, os empreendedores mineiros co-

5 Parece que a igreja sempre teve que usar coerção para forçar alguns senhores de escravos a obedecer estas regras. Por exemplo, um visitador à Mato Dentro em 1725 indicou que muitos senhores prejudicavam as almas de escravos quando *compram escravos e os tem por batizar muitos meses...* MORAIS, Geraldo Dutra de. *História de Conceição do Mato Dentro*. Biblioteca Mineira de Cultura. Vol. 14. Belo Horizonte: n.p., 1942, p. 90.

6 BERGAD, Laird W. *Slavery and the Demographic and Economic History of Minas Gerais, Brazil, 1720-1888*. Cambridge: Cambridge University Press, 1999.

7 Esta comparação seria mais marcante, se a documentação da década de 1720 tivesse sobrevivido. É muito importante frisar que embora a documentação tenha lapsos devido ao desaparecimento de livros paroquiais, tais interrupções não prejudicam a utilidade dos documentos. Podemos contornar a dificuldade daí decorrente utilizando a média de batismos por ano em vez de números absolutos.

meçaram a cortar suas compras de africanos. Depois de 1754, os novos escravos, provinham cada vez mais da reprodução natural. Embora os efeitos fossem lentos, porque a mudança na estrutura da comunidade escrava demorava algumas gerações, o reflexo desta transformação pode ser visto nos batismos.

Assim a relação entre os batismos de crianças cativas e de adultos escravos também demonstra uma mudança na estrutura interna da comunidade escrava. Com o passar do tempo e o declínio da economia, a população servil tornava-se mais crioula e menos africana. Esta transformação traz implicações significativas para a história social de Minas Gerais.

Ao mesmo tempo, a proporção de escravos legítimos sendo batizados aumentou no decorrer do século. Na segunda fase os legítimos representavam apenas 6% dos batismos de crianças escravas, enquanto na última fase (1780-1810), elas eram 16% dos inocentes escravos batizados na paróquia. Esta mudança demonstra uma maturidade social da comunidade mancípua.

Ao examinar os batismos na comunidade livre o elemento mais surpreendente é a proporção majoritária dos batismos legítimos. Para o século inteiro, as crianças legítimas constituíram uma maioria dos batismos livres. Talvez ainda mais surpreendente seja o fato de que a proporção de crianças legítimas diminuiu ao longo do século. Na segunda fase, a porcentagem do total dos batizados que era de legítimos era 72%; na terceira fase 53%; e na quarta 47%. Trata-se de uma evolução de grande expressão: enquanto na comunidade escrava, a proporção de batismos de crianças legítimas estava aumentando com tempo, na comunidade livre acontecia o oposto.

Este processo representa uma considerável transformação e também constitui um desafio para a nossa compreensão dos fenômenos sociais envolvidos. Até o aparecimento de recenseamentos no fim do século XVIII, as fontes não permitem delinear com clareza as práticas conjugais. No caso, os batismos servem como uma medida indireta da presença relativa da família oficial. Enquanto seria de esperar que, com passar do tempo, as pressões da Igreja e do Estado a proporção de famílias legalmente constituídas fosse aumentar, na verdade foi a incidência de batismos de filhos naturais e, por implicação, a presença de famílias consensuais que aumentaram. Talvez possamos afirmar que, no século XVIII, o auge da *família tradicional mineira*, da mitologia cultural foi na nossa segunda fase (1726-1753). Depois deste período a realidade e a mitologia seguiram caminhos divergentes.

A grande diferença entre a terceira e quarta fases é a verdadeira explosão no número de expostos. Trata-se de um assunto cheio de complicações e que não pode ser aprofundado no presente trabalho. Não

obstante o aumento no número de expostos pode ser visto como outro indicio da deterioração econômica o qual, junto com o crescimento dos batizados naturais, refletia as mudanças ocorridas na sociedade mineira. O mesmo processo pode ser observado na paróquia de Antônio Dias. Nos anos de 1724-1733, quatro expostos foram batizados, enquanto entre 1799-1808 o número subia para 167. Já nos anos 1809-1818, a quantidade diminuiu para 129 inocentes. No período dos anos 1799-1818, a pesquisa de Francisco Luna e Iraci del Nero da Costa indica que os expostos representavam 11% de todos os batismos.<sup>8</sup> Devemos aqui notar que o mesmo processo estava acontecendo em outras áreas do Brasil.<sup>9</sup>

Este aumento no número de enjeitados foi visto como uma crise social e fiscal, criando um peso enorme para a Câmara que tinha a responsabilidade de sustentar a criação destas crianças.<sup>10</sup> Chegou o ponto de a câmara de Vila Rica tomar a decisão de, em 1761, nomear inspetores para vigiar *mulheres pardas e pretas solteiras* que estavam grávidas para impedir que elas abandonassem os seus filhos aos cuidados e custos da comunidade.<sup>11</sup> Parece que, na opinião da Câmara, as mulheres brancas não precisavam do mesmo grau de vigilância. Como os dados mostram, esta tentativa da Câmara não teve o efeito desejado e o número de crianças abandonadas continuou crescendo.<sup>12</sup>

Entre os expostos encontramos casos extraordinários. Por exemplo, em Antônio Dias, no dia 29 novembro 1785, uma criança foi depositada à porta do vigário, Padre Roques Rodrigues de Carvalho, com a seguinte

8 LUNA, Francisco Vidal e Iraci del Nero da Costa, "Demografia histórica de Minas Gerais", *Revista Brasileira de Estudos Políticos* 58 (1984), p. 24.

9 Em São Paulo, a proporção de crianças abandonada caiu de uma média de 17% e 25% nos anos 1800 e 1825 para uma média de 10% a 21% entre 1831 e 1845 para menos de 10% depois de 1851 e para níveis insignificantes depois de 1866. MESGRAVIS, Laima. *A Santa Casa de Misericórdia de São Paulo (1599? -1884): Contribuição ao estudo da assistência social no Brasil*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1974, p.172-173. Maria Luiza Marcílio esclarece que em São Paulo entre 1741 e 1845, expostos representavam 15,99% de todos os nascimentos livres. MARCÍLIO, Maria Luiza. *A cidade de São Paulo: povoamento e população, 1750-1850*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1974, pp. 157-159.

10 Já em 1693, o governo em Lisboa reagiu contra a *pouca piedade que achestes [o governador de Rio de Janeiro] nessa Capitania com as crianças enjeitadas, achando-se muitas mortas ao desamparo, sem que a Misericórdia, nem os officiaes da Camara as queiram recolher...* ordenando que *por ser muito proprio da obrigação da Camara o cuidado destas crianças, por attender ao bem commun da sua terra... que dos bens do Conselho tirem o que fôr necessario para essa despeza...* Carta Real, 12 dezembro 1693 in MONCORVO FILHO, Arthur. *Histórico da protecção a infância no Brasil, 1500-1922*. Rio de Janeiro: Empresa Graphica, Ed. P. Pogetti, 1926. pp. 32-33. A câmara municipal de Vila Rica pagava três oitavas mensalmente para a criação do exposto até a idade de sete anos. Por exemplo, no dia 7 de novembro de 1759 a câmara ordenou o pagamento de 21 oitavas a Manuel Francisco Lisboa *Procedidas da criação de hum ingeitado por nome Jacinto...* APM, Secretaria do Governo (SG), Livro. 20, fol. 162v. Em 1758, o procurador da câmara recomendou que o pagamento fosse estabelecido em 1/2 oitava por mês tendo em vista a situação econômica, mas a recomendação não foi aceita. Arquivo Publico Mineiro (APM), Coleção da Câmara Municipal de Ouro Preto (CMOP), Livro 69, 15 fevereiro 1758, fol. 43v. Mas em 1761 a câmara decidiu pagar 3 oitavas só durante os primeiros três anos de vida e 1/2 oitava entre 3 e 7 anos de idade. APM, CMOP, Livro 22, Auto de Correição, 24 outubro 1761, fol. 142v.

11 APM, CMOP, Auto de Correição, 24 outubro 1761, fol. 142v-143.

12 É interessante ver a transformação rápida no pensamento do Senado da Câmara. Em 1759, a Câmara lamentou que *a despeza dos enjeitados hera escesivo pello grande numero dellas asim brancos como mulatos e negros...* APM, CMOP, Auto de Correição, 8 abril 1759, fol. 139. Como se vê acima, em 1761 o problema vinha a ser as mulheres pardas e negras. Em 1763, estas mulheres seriam chamadas de *meretrisses publicas*. APM, CMOP, Cód. 77, Edital da câmara, 2 março 1763, fol. 240v-241. Em poucos anos, a visão do problema se transformou dramaticamente.

mensagem: *Pede-se pelo amor de Deos crie essa criança, que a seu tempo se pagará[...] a criança já está batizada[...] chama-e Efigenia.* Apesar de já ter sido batizada, Efigênia fora batizada novamente poucos dias depois de ser encontrada.<sup>13</sup>

A última categoria social que aparece nos livros de assentos de batismos é a das crianças alforriadas na hora do batismo. Podemos ver o processo no registro seguinte: *Aos oito dias do mes de marso de mil e setesentos e trinta e quatro nesta matriz de Nossa Senhora da Conceição de Vila Rica [Antônio Dias] Bautizei e pus os santos oleos a Josepha parda e forra filha de Francisca mina escrava de Antonio Alves da Cunha foram padrinhos o Sargento Mor Joseph de Magalhans da Costa e o Reverendo Padre Joseph de Oliveira e Logo me foi dito pello Senhor da dita criansa que a dava por forra e livre de tudo a escravidão por ter recebido da mão do dito padrinho tres doblas que emportão trinto e oito mil e quatro centos [reis] cujo quantia deu pella dita alforria e pello dito seu senhor ter Recebido a dita quantia dise que dava a dita Liberdade como se forra nasese...*<sup>14</sup> Embora o número destes inocentes forros não fosse expressivo em termos demográficos, obviamente as alforrias concedidas na pia batismal eram importantes em termos sociais e culturais. Para a segunda, terceira, e quarta fase, a média de escravos alforriados no momento de batismo era pequena, entre 5% e 6%. Tal cifra sugere que a formação da comunidade de libertos se devia muito mais às alforrias de adultos, em particular às auto-compras, que à emancipação de crianças na hora do batismo.

Também pode-se ver o efeito da questão econômica nos batismos de filhos de mães coartadas. No banco de dados, encontramos cinqüenta casos de mães coartadas. A primeira apareceu em 1745 enquanto 48 casos se situam nas fases três e quatro — o período de decadência. Como a condição da criança seguia a condição da mãe, estas crianças eram consideradas escravas porque as mães ainda não tinham alcançado a liberdade. A grande maioria das mães era nascida no Brasil, pois somente 12 delas puderam ser identificadas como naturais da África. Mecanismo importante para a obtenção da liberdade em Minas, a coartação também servia aos interesses dos donos. O escravo pagava para sua liberdade com dinheiro que podia ser usado pelo dono para comprar outro escravo.<sup>15</sup> Desta maneira, o escravo custeava a reposição de sua mão de obra.

13 APAD, Livro de Batismos, No. 4, fol. 105v.

14 APAD, Livro de Batismos, No. 2, fol. 83. Neste caso fica claro que a alforria da criança foi comprada pelo padrinho. Mas muitas vezes não fica tão claro. Por exemplo, vejamos o caso de Anna, filha de Thereza, escrava de Jacinto Martins de Carvalho. Ela foi batizada em março de 1735 na mesma igreja e foram padrinhos Agostinho da Silva Guimaraens e Gervazio Rodrigues [illeg] e Logo disserao os padrinhos que dava a criansa por forra que asim hordenou o seu Senhor de que fiz este assento.... APAD, Livro de Batismo, No. 2, fol. 99. Talvez o dono tenha recebido um pagamento, mas é também provável que outros mecanismos estivessem em jogo.

15 Ainda melhor para o dono, o preço do escravo era estabelecido enquanto o escravo era mais jovem e consequentemente valia mais. Desta forma o próprio o escravo sustentava o sistema escravista, servindo assim aos interesses do proprietário de várias maneiras, desde a produção de lucro, até sustentando o custo de sua substituição.

Em síntese, os batismos nos dão uma visão da evolução da sociedade vilarriquenha. Podemos ver a transformação de uma comunidade escrava, antes dominada por africanos, para uma sociedade crescentemente de origem crioulas. Também podem ser vistos os efeitos da decadência econômica na sociedade: a crescente proporção de crianças naturais, o aumento no número de crianças abandonadas e a presença maior de escravos coartados. Os batismos são testemunhas destes processos. Porém, para além desta visão global da demografia de Vila Rica, é possível enxergar os indivíduos que compunham este quadro histórico.

**Tabela 1**  
**Batismos da Paróquia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto**  
**1711-1810**

	1712-1725	1726-1753	1754-1779	1780-1810	Totais	% da categoria
<b>Livres</b>						
Legítimos	15	670	908	1270	2863	53%
Naturais	8	220	638	982	1848	34%
Expostos	-	(19h/17m) 34	(74h/87m) 162	(2201h/244m) 445	641	12%
N/C	1	10	11	7	29	0.5%
Subtotal	24	934	1719	2704	5381	99.5%
<b>Escravos</b>						
Legítimos	11	55	146	209	421	7%
Naturais	101	868	1159	1170	3298	54%
Expostos	-	-	1	-	1	-
Adultos	240	1185	759	151	2335	39%
N/C	1	4	1	2	8	-
Subtotal	353	2112	2066	1532	6063	99%
<b>Forros</b>						
Legítimos	1	2	8	3	14	6%
Naturais	6	57	82	71	216	94%
Expostos	-	-	1	-	1	-
Subtotal	7	59	91	74	231	100%
N/C	-	-	6	16	22	
<b>TOTAL</b>	<b>(384)</b>	<b>(3105)</b>	<b>(3882)</b>	<b>(4326)</b>	<b>11697</b>	

Nota: Em alguns batismos encontramos falhas de informação resultando, ocasionalmente, na duplicação de um assento.

## 2ª Parte: Teias Profanas e Sagradas

Sem dúvida, os batismos nos dão uma visão do desenrolar da sociedade vilarriquenha ao longo do setecentos. Porém, o batismo é essencialmente o rito central da religião católica e tem que ser visto no seu aspecto espiritual, como um rito de renascimento que também tem o efeito de criar laços sociais.<sup>16</sup> Na verdade, no século XVIII, é muito provável que este aspecto espiritual ou sagrado tivesse uma importância maior do que tem hoje em dia, e representasse um elemento central na vida da comunidade, um rito de passagem. Numa sociedade em que a religião popular enchia a vida dos mineiros com suas crenças, devoções, milagres e romarias, este aspecto espiritual era visto com reverência. O batismo fazia parte da vida da alma, era um rito que aproximava a pessoa à salvação e servia como um momento de renascimento quando o pecado original era trocado pela graça divina. O *Baptisterio e ceremonial dos Sacramentos da Sancta Madre Igreja Romana* publicado em Coimbra em 1730 notou que *He o baptismo hum laboratorio do corpo, feito cõ certa forma de palavras pelo qual se significa o lavratorio interior da alma, que por este Sacramento abra invisivelmente o Espírito santo....assim por este Sacramento, primeiramente se perdoa a todos os baptizados o pecado original; e aos que chegarem a uso de razão juntamente todos os pecados actuaes....e alem disso se infinde a graça com as três virtudes... Fe, Esperança e Charidade e os quatro Cardeaes: Prudencia, Justiça, Fortaleza e Temperança.*<sup>17</sup>

Um aspecto central deste rito era a introdução de pais novos; pais espirituais servindo funções sagradas que não podiam ser executas pelos pais biológicos cuja responsabilidade seria limitada à assistência material e afetiva. A nova família deveria ser composta por um padrinho (pai espiritual) e madrinha (mãe espiritual) e iria ter uma existência paralela à família biológica. Nas palavras do *Baptisterio e ceremonial dos Sacramentos da Sancta Madre Igreja Romana*, o padre *não receberá outras, senão os nomeados: nem ao mais que hum padrinho que seja mayor de quatorze annos: e ha madrinha que seja mayor de doze; e não sera o pay nem may do batizado.*<sup>18</sup> Ao mesmo tempo, o rito do batismo servia como a introdução da criança à comunidade religiosa que naquele tempo era sinônimo da secular. A comunidade secular situava-se no mesmo terreno da sagrada, mas funcionava em outro nível. Desta forma, em termos simbólicos o rito levava a criança procedente do mundo femi-

16 GUDEMAN, Stephen. The Compadrazgo as a Reflection of the Natural and Spiritual Person, *Proceedings of the Royal Anthropological Institute of Great Britain and Ireland* (1971), 47.

17 *Baptisterio e ceremonial dos Sacramentos da Sancta Madre Igreja Romana*, 2.

18 *Baptisterio e ceremonial dos Sacramentos da Sancta Madre Igreja Romana*, 1. Aliás, encontramos casos em que havia vários padrinhos e outros, mais comuns, em que faltava a madrinha.

nino do lar para a comunidade além, a comunidade, nas palavras de Sandra Lauderdale Graham;<sup>19</sup> da rua e dominada por homens. O primeiro nascimento (o biológico) era dominado por mulheres: mães, parteiras e santas como a Nossa Senhora do Parto ou das Dores ou a Nossa Senhora da Conceição. O renascimento situa a criança na comunidade fora do mundo feminino; o batismo é a entrada na comunidade religiosa e moral, o mundo dominado por homens. E esta transformação acontecia dentro de uma Igreja dominada, nos seus aspectos burocráticos, por homens. Era um rito cheio de simbolismo para a comunidade.<sup>20</sup> O ato de batismo, portanto, pode ser interpretado simplesmente como a transferência de um poder simbólico.

Este simbolismo pode ser visto nos catecismos coevos, por exemplo, no *Catecismo da diocese de Montpellier*, traduzido para o português e publicado em Lisboa no ano de 1819.<sup>21</sup> Este catecismo, como era comum, foi escrito na forma de uma série de perguntas e respostas. O autor descreveu o batismo como *hum Sacramento, que apaga o peccado original, todos os mais peccados, e toda a pena, que lhes he devida, e nos constitue filhos de Deos, e da Igreja. O batismo nos da vida nova: e dando-a nos faz membros de Jesu Christo, que he o filho de Deos. E mais, Imprime em nossa alma hum character espiritual, que nunca se pode apagar, e faz que não se possa sem culpa receber duas vezes este Sacramento. O batismo he de absoluta necessidade, porque só o Baptismo pode apagar o peccado original; e a pessoa, em quem subsiste este peccado, se acha em estado de condemnação eterna. Sobre a escolha de padrinhos, O catecismo ensina que Faz-se isto principalmente, para que os Padrinhos, e Madrinhas sirvão de fiadores à pessoa baptizada, e para que lhe fação observar as promessas do Baptismo. Estas promessas eram de renunciar ao demônio<sup>22</sup> e de seguir *inviolavelmente* a Jesus.<sup>23</sup> Como muitos aspectos da religião, estas promessas deveriam ser renovadas nos momentos importantes do ciclo da vida espiritual: confirmação, a primeira comunhão, durante as vigílias da Páscoa e do Pentecostes, no aniversário do batismo e nos ritos de passagens que prenunciavam a morte.*

19 GRAHAM, Sandra Lauderdale. *House and Street : the Domestic World of Servants and Masters in Nineteenth-century Rio de Janeiro*. New York : Cambridge University Press, 1988

20 Estas interpretações são baseadas no trabalho de BLOCH, M. and GUGGENHEIM, S. A. *Compadrazgo, Baptism and the Symbolism of a Second Birth*, @ *Man* New Series 16, 3 (September 1981), 381.

21 COLBERT, Bispo Carlos Joaquim, *Catecismos da diocese de Montpellier. Traduzidos na lingua portugueza para por elles se ensinar a Doutrina Christa aos meninos nas escolas dos reinos e dominios de Portugal*. Lisboa: Na Typographia Rollandiana, 1819. Todas as citações que seguem são de paginas 76-78. Quando o Marquês de Pombal abriu as portas ao regalismo francês, vários livros religiosos franceses foram traduzidos e publicados em Portugal.

22 *Renuncio de todo o meu coracao ao demonio, as suas pompas, e as suas obras: quero dizer, as vaidades, e ao resplandor enganoso do Mundo, as maximas corruptas do seculo, e a todo o peccado. Ibid, 79.*

23 *Quero unir-me unicamente a Jesu Christo, seguir a elle só, e unicamente viver, e morrer para elle. Em nome do Padre, e do Filho, e do espirito Santo. Amem. Ibid, 79.*

É muito importante salientar esta função espiritual. A nossa vida moderna é uma vida secular em que valores espirituais são tidos como valores pessoais. O vilarriquenho, do século XVIII, vivia num mundo de teias sagradas. Estas teias o cercavam desde o seu nascimento até o seu enterro e continuavam depois da morte física. No entanto, a primeira teia, depois daquela formada pelo nascimento biológico, foi criada pelo batismo e se comprovaria uma das mais fortes.

Assim o batismo era o momento em que uma pessoa virava um ser espiritual e ganhava uma nova família. E esta família nova, encabeçada pelos padrinhos, seria a fiadora da fé da pessoa batizada. Enquanto a família biológica tinha a função de criar e educar a criança, esta nova família tinha uma função considerada mais enaltecida e importante: a educação espiritual do batizando. Não obstante, esta segunda família também tinha uma função social, dada não pela Igreja, mas pela comunidade e pela tradição.

Com o estabelecimento desta família espiritual, o batismo mostra um aspecto diferente: um aspecto social.<sup>24</sup> Com o compadrio, a sociedade encontrou um mecanismo para estender a teia de laços sociais para envolver mais pessoas e suas famílias. Esta instituição envolvia funções como a da socialização de crianças, ligando pessoas da mesma ou até de classes diferentes, e oferecendo acesso a serviços. Estas funções existem paralelas à função sagrada.<sup>25</sup> A relação entre estas duas interpretações é o foco do resto deste ensaio.<sup>26</sup>

Esta distinção entre os aspectos espirituais e sociais é refletida na literatura sobre batismos. Nota-se que a literatura sobre compadrio no mundo colonial hispano-americano tem tido uma posição de destaque, enquanto no lado português da Linha das Tordesilhas parece ser mais escassa. Nesta literatura sobre Espanha e a América espanhola existem duas correntes, refletindo os aspectos espirituais e sociais do batismo.<sup>27</sup> A segunda focaliza o batismo e a escolha de padrinhos como uma maneira de construir laços sociais que funcionavam para integrar a comunidade em termos, ao mesmo tempo, horizontal e vertical. Sem dúvida esta é a interpretação mais comum — é uma interpretação funcionalista. A primeira corrente, liderada por M. Bloch e S. Guggenheim e baseada no trabalho pioneiro de Pitt-Rivers, oferece uma visão do batismo e compadrio como um ritual de renascimento em que o nascimento biológico,

24 GUEDEMAN, Stephen. *Spiritual Relationship and Selecting a Godparent*, *Man* New Series 10, 2 (June 1975), 221.

25 GUEDEMAN, *Spiritual Relationship and Selecting a Godparent*, 221.

26 Esta dualidade do batismo é também comentada por GUEDEMAN, Stephen and SCHWARTZ, Stuart B., *Cleansing Original Sin: Godparenthood and the Baptism of Slaves in Eighteenth-Century Bahia, Kinship Ideology and Practice in Latin America* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984), 37-38.

27 BLOCH, M. and GUGGENHEIM, S. *Compadrazgo, Baptism and the Symbolism of a Second Birth*, *Man* New Series 16, 3 (September 1981), 376.

dominado pela mulher é o resultado de um processo impuro que seria substituído por um nascimento ritualizado e puro em que pais novos são escolhidos.

Enquanto Bloch e Guggenheim tratam estas interpretações como fossem opostas, eu prefiro vê-las como visões complementares. Facilmente, pode-se perceber a mesma instituição tendo funções sociais e espirituais, simultaneamente. Não precisa necessariamente existir uma contradição entre as duas interpretações. Esta complementaridade pode ser vista melhor na realidade da vida mineira no século XVIII.

### **A. Batismos de Escravos**

Quando pensamos em batismo, tipicamente pensamos no batismo de crianças. Mas um montante de batismos envolvia escravos adultos. Na base de dados os adultos representam um grupo significativo, pois somam 21% do total de batizados. Destes, 61% eram homens e 29% mulheres. Não se sabe quem escolhia os padrinhos destes africanos que possuíam poucos contatos na comunidade e pouco domínio da língua e cultura luso-brasileira. Teoricamente pelo menos, o batizando escravo e adulto poderia ter interferido na escolha dos padrinhos,<sup>28</sup> mas esta possibilidade era reduzida em face ao controle do senhor e às circunstâncias culturais. Passados mais de dois séculos, fica difícil desvendar como teria se dado tal escolha. Na história social, torna-se necessário sugerir a motivação por determinadas ações e trata-se, obviamente, de um processo indireto. O exame das pessoas escolhidas para serem padrinhos nos abre uma janela para vermos as vidas destes seres humanos arrancados dos seus lares na África e jogados na escravidão no Brasil. No caso, o problema histórico é distinguir entre a realidade do escravo e a do senhor. Em alguns casos podemos ver a influência do proprietário. No dia 30 de outubro de 1714, seis escravos, Antônio, Jozeph, Gonçalo, Pedro, Jozeph e Roza, foram batizados; todos com o mesmo padrinho, Francisco da Fonseca, escravo, e a mesma madrinha, Theodozia, escrava. É muito provável que os padrinhos e madrinhas fossem escolhidos pelo senhor dos batizados. Ao mesmo tempo, estes batismos coletivos também mostram que os senhores tentavam cumprir suas responsabilidades religiosas de cuidar da vida espiritual da sua família extensa, incluindo seus escravos. Sem dúvida existia um lado prático, pois os padrinhos podiam ajudar na aculturação dos novos escravos.

---

28 Na opinião de Gudeman e Schwartz é mais provável que os padrinhos fossem escolhidos por os senhores dos batizados. GUDEMAN, Stephen and SCHWARTZ, Stuart B. *Cleansing Original Sin: Godparenthood and the Baptism of Slaves in Eighteenth-Century Bahia, Kinship Ideology and Practice in Latin America* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1984), 51.

Mais comumente vemos exemplos que sugerem decisões ou influências pessoais. Entre 4 e 22 de abril de 1759, Antônio Ramos dos Reis batizou doze escravos adultos. Doze padrinhos foram identificados; quatro escravos (um escolhido duas vezes), três pessoas livres (um também escolhido duas vezes) e três forros. Onze madrinhas foram escolhidas; cinco escravas, e seis forras.<sup>29</sup> Todos os escravos padrinhos faziam parte da propriedade do próprio Ramos dos Reis. Oito destes batismos aconteceram no mesmo domingo, datado de 22 de abril de 1759 e foram assistidos por oito madrinhas e sete padrinhos diferentes. Este modelo, em que grupos de adultos do mesmo senhor são batizados no mesmo dia com padrinhos diferentes, foi repetido muitas vezes. Parece que não é possível definir uma regra geral, pois em alguns casos foi o dono quem escolheu os padrinhos, mas em outros casos diversos fatores teriam influenciado a escolha.

É possível identificar alguns padrões na prática do compadrio entre escravos adultos. Enquanto os escravos quase sempre tinham padrinhos (97% dos casos), a escolha de uma madrinha era menos comum (80%) o que sugere que o padrinho era visto como uma figura mais essencial que a madrinha. É importante notar que não houve nenhum caso de escolha de um santo ou uma santa como padrinho ou madrinha, indicando que estes adultos ainda não estavam imbuídos da cultura católica popular. A escolha de escravos como padrinhos (69%) foi mais comum do que a de escravas como madrinhas (49%). Uma grande diferença foi na escolha de forras para servirem de madrinhas (34%) enquanto só 6% dos padrinhos eram ex-escravos. Pessoas livres foram escolhidas como padrinhos (25%) e madrinhas (17%) em proporções mais ou menos equivalentes.

Quando estudamos mais detalhadamente o fenômeno do batismo de escravos adultos, as tendências ficam mais claras. Ao assumir o ponto de vista do escravo batizando pode-se observar outras diferenças. Para escravos masculinos foram escolhidos como padrinhos pessoas semelhantes a eles (80% dos padrinhos de adultos masculinos eram também escravos), enquanto para escravas foram escolhidas escravas em apenas 42% dos casos (Ver Tabela 2). Parece que as escravas tinham mais acesso às pessoas livres de que seus companheiros masculinos, uma indicação de que talvez as mulheres tivessem uma participação maior na escolha dos seus padrinhos do que os homens. Provavelmente isto é o resultado da vida urbana que proporcionava às mulheres mais oportunidades de manter contatos com pessoas livres. Muitas das escravas trabalhavam como vendedoras, lavadeiras, cozinheiras, etc; eram

<sup>29</sup> Banco de dados; número s 1356, 1357, 1358, 1359, 1361, 9019, 9020, 9021, 9022, 9023, 9024 e 9025.

elas que iam buscar água nos chafarizes e eram elas que faziam as compras. Todos estes serviços lhes davam oportunidades para manter um convívio com pessoas de várias camadas sociais.

Pode-se verificar a mesma situação na escolha das madrinhas. Uma maioria (55%) dos escravos tinha escravas como madrinhas; enquanto somente 37% das madrinhas de escravas também eram cativas. As escravas preferiram e conseguiram ter pessoas forras ou livres como padrinhos e madrinhas. Também na seleção de madrinhas podemos ver uma diferença substancial na presença de madrinhas livres. Em 30% dos casos de madrinhas de escravas aparecem pessoas livres em comparação com meros 11% para os escravos masculinos.

**Tabela 2**  
**Padrinhos e Madrinhas de Escravos Adultos**

Batizados	Padrinhos				Madrinhas			
	Escravos	Forros	Livres	Totais	Escravas	Forras	Livres	Totais
Homens	80%	5%	15%	100%	55%	34%	11%	100%
Mulheres	42%	9%	49%	100%	37%	24%	30%	101%
% Total	69%	6%	25%	100%	49%	34%	17%	100%

De modo geral, para os escravos, o compadrio tinha a mesma função exercida pelas irmandades; isto é, o compadrio foi um mecanismo que criou espaços de convívio nos quais os escravos poderiam manter sua cultura. Também estimulava a formação de lideranças próprias, mantendo estes processos dentro de uma estrutura luso-brasileira aceitável. Ao mesmo tempo criou-se uma situação contraditória, ou seja, um espaço cultural escravo sob o jugo do sistema luso-brasileiro. O compadrio, como as irmandades, não ameaçava o sistema colonial. As duas instituições criavam espaços nos quais elementos sociais potencialmente incompatíveis com o sistema podiam agir, embora restritamente, com uma certa independência.

Sem dúvida as autoridades portuguesas preocupavam-se com a possibilidade de que os laços de compadrio pudessem criar novas estruturas de autoridade dentro da comunidade escrava. Isto, segundo o Conde de Assumar, poderia solapar as hierarquias entre senhores e escravos e recriar estruturas de cunho africano na comunidade escrava. Em 1719, o governador Assumar, reagindo contra um boato de uma insurreição de escravos recomendou aos vigários e párocos que exerces-

sem contodo o cuidado [de] não aceitar para Padrinhos dos negros que se bautizarem e se cazarem mais que homens brancos para que desta sorte se va desvanecendo a Surbordinação conciderada e adquirida por este parentesco espiritual....<sup>30</sup> Parece que os vigários não concordaram com o governador. O vigário de Sabará, por exemplo, reagiu escrevendo que era mais conveniente se os padrinhos de africanos fossem da *mesma nasção*.<sup>31</sup> Como aconteciam muitas vezes, os padres, geralmente seculares, viviam na comunidade e acabavam entendendo e aceitando os valores e costumes locais.

Enquanto o governador insistia que sua instrução fosse obedecida como *hum bem publico*, parece que foram os clérigos que prevaleceram. Em Antônio Dias, antes de 1719, 58% dos padrinhos de crianças escravas eram livres, mas entre 1719 a 1726 esta percentagem aumentou para 65%. Em 1771, em Antônio Dias, a percentagem tinha diminuído — só 44% dos padrinhos de escravos eram livres e escravos serviam de padrinhos em 24% dos casos.<sup>32</sup> Na paróquia de Nossa Senhora do Pilar, durante a década de 1730, dos padrinhos de crianças escravas, 65%<sup>33</sup> eram livres enquanto as madrinhas livres correspondiam à 26% do total. Entre adultos, os dados são ainda mais surpreendentes. Durante a década de 1730 para esta categoria de batizados apenas 19% dos padrinhos e 6% das madrinhas eram livres. Assim, a seleção de padrinhos para escravos, crianças e adultos, foi uma área de desencontro entre as tradições populares apoiadas pela Igreja e os interesses do Estado. No caso, a Igreja considerava o compadrio como um sacramento e ato espiritual enquanto o Estado se fixava no lado social e na configuração de hierarquias.<sup>34</sup> No fim das contas, a cultura popular e o clero ganharam, pois os vigários poderiam ter insistido na seleção de padrinhos livres, mas preferiam seguir os costumes locais.

Para os escravos, a possibilidade de escolher outros escravos como padrinhos gerava a possibilidade de criar ou reforçar linhas de autoridade dentro da sua comunidade, justamente aquilo que o governador Assumar queria evitar. A manutenção desta instituição foi importante para os escravos, pois, junto com as irmandades, especialmente a de Nossa Senhora do Rosário, e as congadas, o compadrio entre escravos permitia que desenvolvessem e mantivessem a sua própria hierarquia social.

30 APM, SG, cód. 11, Governador Assumar ao Vigário da Vara de Sabará, 26 novembro 1719, fol. 171v. Assumar aqui salienta a importância do compadrio criado pelo casamento.

31 APM, SG, cód. 11, Governador Assumar ao Vigário da Vara de Sabará, 26 dezembro 1719, fol. 184.

32 Encontra-se o mesmo padrão na paróquia rural de Itatiaia. Em 1718, 23% dos padrinhos eram escravos, enquanto em 1720, 20%. Arquivo da Cúria de Mariana (ACM), No. 1, Livro de Batismos, Itatiaia, passim.

33 Nota-se que a porcentagem é igual à de Antônio Dias nos anos 1719-1726.

34 O compadrio de escravos obviamente é mais importante como um documento histórico quando o batismo é um ato individual e voluntário. Stein descreve uma situação diferente nas fazendas de café. STEIN, Stanley. *Vassouras, A Brazilian Coffee County, 1850-1890*. Cambridge: Harvard University Press, 1957; p. 149.

Os registros de batismos nos dão a oportunidade de ver estas teias em funcionamento. Por exemplo, Valentim Ramos, escravo de Antônio Ramos dos Reis, homem poderoso, foi padrinho de três batizando, duas crianças e um adulto.<sup>35</sup> Francisco da Fonseca foi padrinho de seis escravos, todos adultos batizados no mesmo dia, 28 outubro de 1714, e cada batizando tinha como madrinha Theodozia, escrava. Francisco da Fonseca e Theodozia eram escravos de Manuel Fernandes Barboza, enquanto quatro dos escravos batizados eram propriedade de Pedro Ferreira Pinto.<sup>36</sup> Num dia Francisco da Fonseca e Theodozia estabeleceram um série de relações sociais com várias pessoas. Mais um exemplo é o caso de Ignacio Ramos. Ignacio, entre 1747 e 1757 foi padrinho de dez escravos, cinco crianças e cinco adultos.<sup>37</sup>

O estudo dos registros de batismos leva a uma compreensão mais plena dos mecanismos de compadrio. Tomemos como exemplo a posse de cativos do Capitão-mor Antônio Ramos dos Reis, um membro dos homens da governança e sem dúvida uma das figuras mais poderosas da sociedade vilarriquenha. Entre 1736 e 1761, os seus escravos participaram de 277 batismos, 172 de adultos e 105 de crianças. Pode-se identificar uma série de pessoas centrais nesta comunidade criada por compadrio. Por exemplo, Ignacio Ramos (dos Reis), um escravo de Antônio Ramos dos Reis, serviu como padrinho um mínimo de dez vezes (5 crianças e 5 adultos)<sup>38</sup> e Manoel Ramos, outro escravo do Ramos dos Reis serviu sete vezes (3 crianças e 4 adultos).<sup>39</sup> Através destes e vários outros exemplos desvenda-se a construção de redes de compadrio dentro de um plantel de escravos. As redes também poderiam ser construídas em torno de mulheres madrinhas. Entre as escravas do Capitão-mor encontramos vários exemplos: Anna Ramos era a madrinha de sete pessoas (5 inocentes e 2 adultos), Domingas Marques tinha cinco afilhados (3 inocentes e 2 adultos).<sup>40</sup> Percebe-se também redes que iam além da propriedade do Ramos dos Reis. Certas pessoas livres aparecem frequentemente como padrinhos. Francisco Dias Novais, por exemplo, serviu cinco vezes como padrinho (1 criança e 4 adultos);<sup>41</sup> Joana Marques, escrava que depois conseguira alforria, serviu como madrinha **trinta** ve-

35 Ver registros 1339, 1165, 1372 na base de dados.

36 Ver registros 207, 208, 209, 210, 211, 212. Dois registros não indicam o nome do dono do batizando.

37 É nos registros de batismos que encontramos com regularidade escravos dotados de sobrenomes aparecem. De modo geral são os nomes dos seus donos... Valentim Ramos e Ignácio os escravos de Antônio Ramos dos Reis. Mas também aqui podemos ver exceções — Francisco da Fonseca era o escravo de Manuel Fernandes Barboza.

38 Banco de dados, Identidade Nos. 1149, 1153, 1183, 3975, 8630, 8891, 8976, 9034, 11121 e 11311. O escravo chamado Ignacio aparece treze vezes, mas não é possível determinar se é a mesma pessoa.

39 Banco de dados, Identidade Nos. 2478, 3528, 10786, 10788, 10830, 11062, e 11428.

40 Banco de dados, Identidade Nos. 1330, 1339, 1361, 10669, e 10888. Domingas Marques foi identificada como escrava ou forra indiscriminadamente indicando a ambigüidade das condições.

41 Banco de dados, Identidade N<sup>os</sup>. 1361, 1424, 8951, 9019 e 9280.

zes (14 inocentes e 16 adultos).<sup>42</sup> Já notamos que havia tendência de se selecionarem mais escravos do que escravas para o apadrinhamento. Entre as madrinhas a seleção de pessoas forras ou livres era mais comum. A diferença chama atenção, talvez sendo, como já sugerido, resultado do estilo de vida das escravas que participavam da vida da rua e do pequeno comércio. Porém, a diferença mais marcante foi a presença de forras como madrinhas. Libertas apareceram em 15 batismos, enquanto apenas somente dois libertos atuaram como padrinhos no plantel de Antônio Ramos dos Reis. É também interessante observar a tendência de se evitar a escolha de escravos ou escravas pertencentes a outros proprietários. Quando pessoas alheias eram escolhidas, tipicamente eram forros ou pessoas livres. Parece que o intento aqui era o de obstruir a constituição de laços de hierarquia com escravos fora do controle do dono. (Ver Tabela 3)

**Tabela 3**  
**Padrinhos e Madrinhas de inocentes,**  
**Escravos de Antônio Ramos dos Reis**

Madrinhas	Padrinhos					Total
	Escravos de ARR	Outros Escravos	Forros	Livres	NC	
Escravas de ARR	11	5	-	4	1	21
Outras Escravas	1	3	-	-	1	5
Forras	7	-	2	6	-	15
Livres	-	-	-	12	-	12
NC	1	3	-	-	1	5
	20	11	2	22	3	58/58

O sistema de compadrio oferecia tanto aos escravos quanto à população livre uma oportunidade para criar uma rede de relações sociais. Muitos escravos atuaram como Julião e Joana, escravos de uma sociedade (empreendimento entre sócios) chefiada por José Vieira Rijo. Casaram-se no dia três de maio de 1766, na matriz de Antônio Dias e a

<sup>42</sup> Banco de dados, Identidade N<sup>os</sup>. 1029, 1149, 1153, 1233, 1277, 1315, 2264, 2669, 2751, 2823, 2864, 3020, 3085, 3266, 3267, 3376, 3379, 8630, 8991, 9021, 9024, 10672, 10722, 10798, 10799, 11048, 11062, 11049, 11115 e 11311.

primeira filha, Margarida, foi batizada em abril de 1769. Tiveram mais quatro filhos. Todos tiveram madrinhas e quatro destas eram africanas forras. Dois dos padrinhos também eram africanos forros, outro um escravo. Já o quinto filho não teve padrinho (uma situação tão rara que parece ter sido equívoco por parte do padre). No caso de Francisca, a escrava de Manuel Gonçalves de Oliveira, vemos situação similar. Ela batizou cinco filhos, todos sem a identificação do pai. A última estava doente quando foi batizada e os padrinhos não aparecem. Mas temos informações para os outros filhos e dos oito padrinhos dois eram escravos, dois forros e quatro livres.

Vale a pena notar que o compadrio de escravos servia para ligar os mundos das populações escravas, forra, e livres. Como se vê no caso do plantel de Antônio Ramos dos Reis, dos 108 padrinhos e madrinhas escolhidos para crianças batizadas, quase um terço eram pessoas livres; 16% forros e 53% escravos (Ver Tabela 3). A seleção representava um entrecruzamento da sociedade em toda sua complexidade.

## **B. A população livre**

O compadrio também tinha uma função importantíssima na comunidade livre, pois cumpria o mesmo papel de criar e reforçar laços sociais. Muito embora o compadrio servisse a uma função espiritual muito importante e, apesar das regras estabelecidas pela Igreja, a comunidade moldava aquela instituição para atender interesses pessoais, puramente seculares. Na vida vilarriquenha, o compadrio servia para ligar uma sociedade com poucas instituições. O compadrio cumpria dois papéis complementares — conectar grupos diferentes e reforçar outros laços já existentes. Na sua função secular o compadrio pode ser visto como um mecanismo de ligação social, como revela a documentação. Os laços sociais criados pelo compadrio podiam alcançar maior ou menor abrangência. O caso de Manuel Moreira Duarte nos oferece um exemplo ilustrativo. Entre os anos de 1779 e 1801, Duarte serviu como padrinho de 63 pessoas, envolvendo todas as condições sociais: 36 batizados livres, 26 escravos e um forro. Como em muitos outros casos, estes laços percorriam todos os níveis sociais, pois das crianças 38 eram naturais, 15 expostas, e 9 legítimas. As relações sociais estendiam-se da senzala à casa grande e até mesmo além do domínio senhorial. Também não se pode esquecer dos laços criados com as madrinhas e suas famílias. Sem dúvida estes laços teriam servido para humanizar ou domesticar a sociedade vilarriquenha. Criavam-se laços afetivos que poderiam abrandar as duras hierarquias das relações sociais escravistas. Talvez até suavizasse um pouco a vida difícil, introduzindo nela valores de cunho paternalista.

O mesmo processo se dava no caso do mineiro e homem da governança, José Velloso Carmo, cujo nome ficou ligado à área onde eram situadas suas minas, na atual entrada da cidade de Ouro Preto. Ele criou uma teia social construída com 43 afilhados, entre eles 35 livres, 7 escravos e um forro. Desta teia de 43 afilhados, 21 eram legítimos, 16 naturais, 5 expostos além de um escravo adulto. Em outro exemplo, em pouco mais de vinte anos Joaquim Roberto Silva, serviu como padrinho de 51 pessoas (33 livres, 16 escravos, e 2 forros). As redes de compadrio atravessavam facilmente as divisões sociais para criarem extensos laços que alastravam-se pela comunidade.

Às vezes estas teias perpassavam vários níveis, ligando pessoas e famílias a uma grande família central. O caso de outro homem da governança, José Alves Maciel, é ilustrativo. Casado com Juliana Francisca Pais de Oliveira, Maciel foi pai de dez filhos batizados em Vila Rica e em todos os casos, menos um, um padrinho e uma madrinha foram escolhidos para cada criança. A exceção foi José nascido em 1760. Para José não foi dado padrinho ou madrinha indicando que talvez fosse um batismo feito em perigo da morte.<sup>43</sup> A escolha de padrinhos parece demonstrar a estratégia de criar laços com iguais. A escolha de madrinhas, por outro lado, parece parte de uma outra estratégia, a de reforçar laços familiares. Seis das crianças tinham como madrinhas Ignacia Maria Pires de Oliveira ou Anna Ignacia [Pires] de Oliveira e uma sétima madrinha era Ignacia de Arruda Pires. Pelos nomes parece provável que eram membros da família de Juliana Francisca. Desta forma pode-se especular que a escolha de padrinhos foi usada para estender os laços sociais e que a da madrinha serviu para reforçar laços familiares. José Alves Maciel também serviu de padrinho para 31 crianças, quatro vezes com a sua esposa como madrinha. Entre estas crianças havia um escravo, um forro, dois expostos; enquanto os demais eram livres. Do total de batizados 25 eram legítimos, 4 naturais e 2 expostos. Em sete destes casos, a família não escolheu madrinhas, em quatro casos a madrinha era a esposa do Maciel e em um caso a madrinha escolhida foi Santa Ana. Em 19 casos, Maciel foi padrinho com madrinhas (esposas espirituais) de outras famílias, assim criando laços novos. Ao mesmo tempo, Juliana Francisca de Oliveira foi madrinha 15 vezes. Dos quinze batizados, quatorze eram legítimos e todos livres.

Neste estudo de caso percebe-se vários níveis de teias sociais. A primeira teia foi criada pelo nascimento dos filhos do casal e pela escolha de padrinhos para as crianças e compadres para os pais. Uma segunda teia emerge quando Maciel servia como padrinho, criando laços

---

43 O assento não indica que foi uma situação extraordinária.

com as crianças, seus pais biológicos e com as madrinhas (a tríade tradicional) e sua família. Uma terceira teia se delineia quando a esposa Juliana Francisca servia de madrinha criando mais laços com as crianças, as famílias delas e os padrinhos. Trata-se de uma rede complicada que servia para projetar a estrutura familiar na comunidade e reforçar os laços internamente.

Neste caso a estrutura é vista como um mecanismo estático, mas na verdade uma sociedade não é estática, está sempre evoluindo. Sem dúvida, alguns, talvez todos, os filhos de Maciel e Juliana Francisca, quando alcançassem a idade adequada, também iriam ser convidados a serem padrinhos e madrinhas de outras crianças. Enquanto a nossa fonte permite a identificação de três teias complementares, é bastante provável que muitas outras fossem construídas ao redor dos filhos e os demais membros da família. Deste ponto de vista, a sociedade vilarriquenha parece ser um enorme jogo de xadrez em três dimensões.

O governador da capitania Luís da Cunha Menezes também serviu de padrinho para 17 crianças na paróquia de Nossa Senhora do Pilar, todas legítimas e livres e de famílias obviamente importantes como a de Gregório Pereira Soares de Albergaria (duas vezes), a de Antônio Agostinho Lobo Leite Pereira (duas vezes), a de Tomás Joaquim de Almeida Front (duas vezes), a de Carlos Caetano Monteiro (duas vezes) e a de Francisco de Paula Freire de Andrade (também duas vezes). A esposa de Freire de Andrade, Izabel Querobina de Oliveira Maciel, formou, junto com o governador o casal de padrinhos de Bento, filho de Joze Luis Sayão. Da mesma forma, a esposa de Jose de Vasconcellos Carada e Souza, Francisca de Avila e Silva e o governador Menezes foram padrinhos de uma filha de Antônio Agostinho Lobo Leite Pereira e Anna Francisca de Avila e Silva, provavelmente a irmã da madrinha. Tratavam-se de laços sociais criados e reforçados usando o mecanismo de compadrio. Serviam para integrar socialmente o governador na comunidade e criarem teias ou alianças de apoio. Qualquer desejo da parte da coroa portuguesa para manter as autoridades reais independentes dos interesses locais foi subvertido pelo compadrio.

### **C. O Compadrio e as Teias Sagradas**

A escolha de compadres era um processo da maior importância porque juntava aspectos sagrados e sociais. Para terminar este ensaio, voltamos ao começo: a ligação do sagrado e o profano. Sem dúvida a maneira mais fácil de realizar este relacionamento era de escolher como padrinho ou madrinha um santo ou uma santa. Na prática, nas amostras de Vila Rica, a escolha de uma figura sagrada como madrinha sempre recaía sobre uma santa ou a Virgem Maria. Ademais, estes casos quase

sempre envolviam o batismo de crianças e não de adultos. Apenas raramente um adulto recebia uma santa como madrinha. Na freguesia de Nossa Senhora do Pilar, por exemplo, encontramos alguns poucos casos. Manuel, batizado como adulto em maio de 1751, teve como padrinho um forro e como madrinha à Nossa Senhora da Conceição.<sup>44</sup> Felicianana, batizada em maio de 1752, escolheu um escravo como padrinho e Nossa Senhora como madrinha.<sup>45</sup> E em julho de 1759, Elias foi batizado, sendo Gonçalo, escravo, padrinho e Nossa Senhora do Rosário, madrinha.<sup>46</sup>

A seleção de um padrinho santo era uma maneira de introduzir o sagrado dentro da família. Isto não era previsto nas regras da Igreja Católica. O Concílio Tridentino legislou que uma pessoa ou no máximo um homem e uma mulher poderiam servir como fiadores (padrinhos) do batismo.<sup>47</sup> As *Constituições primeiras* foram além disto e ordenaram que o padrinho tivesse no mínimo quatorze anos de idade e a madrinha doze anos.<sup>48</sup> Nas *Constituições primeiras* foram adotadas as idades de casamento estabelecidas pela lei eclesiástica refletindo a idéia de que uma nova família espiritual se formava inspirada na imagem da família biológica.

Mas em Minas Gerais parece que as realidades eram diferentes, refletindo sem dúvida o efeito da religião popular. Um dos efeitos do catolicismo popular era de suavizar ou abrandar as regras estabelecidas pela hierarquia da religião institucional como no caso da escolha de santas como madrinhas. Na paróquia de Nossa Senhora do Pilar, a escolha de santas aparentemente não era tão comum como fora na paróquia de Antônio Dias.

---

44 Banco de dados, Identidade No. 1182.

45 Banco de dados, Identidade No. 1079.

46 Banco de dados, Identidade No. 9043.

47 *Canons and Decrees of the Council of Trent*, 24th Session, Chapter II, pp. 185-6.

48 Vide, *Constituições primeyras*, livro xviii, p. 64.

**Tabela 4**  
**Incidência de Figuras Sagradas como Madrinhas**  
**Paróquia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto**

Sexo do batizando	Condição Social do batizando	Condição do batizando	Santa Escolhida
Masculino - 28	Livre - 45	Legítimo - 28	Rosário - 17
Feminina - 32	Escravo - 15	Natural - 23	Nossa Senhora da Conceição - 14
		Adulto - 3	Nossa Senhora da Conceição preta - 1
		Exposto - 6	Santa Ana - 12 Nossa Senhora do Pilar - 4 Nossa Senhora do Terço - 4 Nossa Senhora do Parto - 3 Nossa Senhora do Parto Bento - 1 Santa Quitéria - 2 Nossa Senhora da Piedade - 2
			Total - 60

É interessante frisar que de um montante de 15 escravos, Nossa Senhora do Rosário foi escolhida só uma vez, embora tenha sido escolhida dezesseis vezes por pais livres. Para comparar esta situação com aquela existente na paróquia de Antônio Dias, foi utilizada uma amostra de oitenta e sete famílias legítimas com 342 crianças.<sup>49</sup> Destas crianças, 24% tiveram santas como madrinhas (ver Tabela 4). A mais comum foi a Virgem Maria e sua mãe, Santa Ana. Os exemplos são muitos, mas alguns casos sobressaem. Um é o caso do casal Manuel José Pereira e Fabiana Francisca de Faria, ele oriundo de Lamego em Portugal e ela nascida em Antônio Dias. Casaram-se em 7 de junho de 1767 e batizaram seis filhos nos dez anos seguintes. As madrinhas de quatro destas crianças foram Nossa Senhora da Conceição, uma quinta foi Santa Ana e a sexta criança não teve madrinha. Outro exemplo é o de Manuel Ribeiro Mourão e Ignacia da Silva Braga que se casaram no dia 27 de janeiro de 1772. Mourão era natural do bispado de Braga, no norte de Portugal, o centro de imigração para Minas Gerais e Ignacia era natural de Antônio Dias. É importante frisar este padrão típico: marido português do norte de Portugal e a esposa nascida numa paróquia mineira. Este casal também batizou seis filhos e a escolha de madrinhas foi bem mais am-

<sup>49</sup> Estes dados vêm dos registros de batismos da freguesia de Antônio Dias, mantidos no arquivo paroquial.

pla: Nossa Senhora da Conceição (duas vezes), Santa Ana, Nossa Senhora das Dores, Nossa Senhora do Carmo e Nossa Senhora da Piedade (cada invocação uma vez).

São casos extraordinários, pois não era comum que uma única família escolhesse tantas santas como madrinhas. Muito mais típico é o caso de José Veríssimo Fonseca e sua mulher Ana Felizarda Joaquina de Oliveira. Mais outra vez, o marido veio de Portugal (neste caso do Algarve, um caso raro)<sup>50</sup> e a sua esposa era natural de Antônio Dias. Casaram-se em 5 de agosto de 1767<sup>51</sup> e a primeira criança, de onze batizadas em Vila Rica, nasceu dezesseis meses depois do casamento.<sup>52</sup> Dos onze batismos que encontrei, a sexta, décima e undécima crianças batizadas receberam madrinhas sagradas — Nossa Senhora da Conceição duas vezes e Nossa Senhora das Dores uma vez. A quarta e quinta criança não teve madrinha. As outras crianças receberam madrinhas da elite local.

O fato de que, nesta amostra, quase um quarto das crianças tenha recebido madrinhas sagradas demonstra mais uma vez a grande devoção oferecida à mãe e avó de Jesus Cristo. Aqui vemos uma ligação marcante entre dois valores importantes: a devoção a Nossa Senhora e Santa Ana e a importância do compadrio na sociedade latina. Nossa Senhora e Santa Ana eram vistas como a personificação da maternidade o que explica a frequência com que eram escolhidas como mães sagradas. Não obstante, quando os pais fizeram a decisão de escolher uma madrinha sagrada, perderam a possibilidade de estabelecerem outro elo com a sociedade secular. O fato de que muitos pais nesta amostra eram portugueses da primeira ou segunda geração, sugere que esta tradição veio de Portugal e formava um aspecto da religião católica popular que fez parte da bagagem daqueles imigrantes.

Seria difícil entender a escolha de uma madrinha sagrada se o compadrio somente tivesse funções sociais. Sem dúvida, vários fatores entravam na decisão. Para algumas pessoas parece óbvio que se tratasse de uma decisão espiritual — um reconhecimento de uma devoção especial. Em outros casos parece ter resultado de uma promessa feita para alcançar ou agradecer algum bem. O caso de Pedro Lourenço Marques talvez ofereça um exemplo deste comportamento. No dia 23 de maio de 1762, Marques casou-se com Ana Martins na igreja paroquial de Antônio Dias.<sup>53</sup> Ana Martins tinha sido batizada na mesma igreja dezoito anos

50 Ver RAMOS, "From Minho to Minas: The Portuguese Roots of the Brazilian Family," *Hispanic American Historical Review* 73:4(November 1993): 639-662.

51 APAD, Livro de Casamentos, No. 1, fol. 239.

52 É possível que a família tivesse doze filhos, mas a reconstrução de famílias no Brasil colonial é, no mínimo, uma forma precária de arte, devido a grande mobilidade espacial, à falta de regras da nomeação de filhos e a possibilidade de mudança de nomes na cerimônia religiosa de confirmação.

53 APAD, Livro de Casamentos, No. 1, fol. 207v.

antes e Marques, um pedreiro, era imigrante do Porto, norte de Portugal. A primeira criança do casal, Ana, foi batizada em junho de 1763, mas morreu seis semanas mais tarde (6 de agosto de 1763). A segunda criança do casal, Caetano, foi batizada no dia 2 de julho de 1765 em perigo mortal, mas parece que sobreviveu. Mais três crianças foram batizadas, Manuel, Josefa e Maria, em 1766, 1768 e 1771 e receberam como madrinhas respectivamente a Nossa Senhora do Terço, Nossa Senhora do Terço e Nossa Senhora da Conceição. Não é difícil imaginar que a nomeação destas madrinhas sagradas foi feita em reconhecimento de alguma graça especial (a provável sobrevivência de Caetano) e para assegurar a saúde dos outros filhos.

Uma parte significativa da população decidiu que não precisava de madrinhas, nem vivas, nem sagradas. Para o universo de batismos na paróquia de Nossa Senhora do Pilar esta proporção chega a 12%. Mas a amostra da freguesia Antônio Dias, que não inclui escravos, revela uma proporção de 24%. Uma parte significativa do total dos pais tomou a decisão de não utilizar o compadrio feminino, fosse para criar laços espirituais com Deus por intermediário de Nossa Senhora em suas manifestações amplas ou Santa Ana, fosse para criar laços interpessoais que podiam enriquecer a vida do batizando nesta terra.

Nesta amostra fica claro que a escolha de uma santa como madrinha era mais comum entre casados do que nos casos de filhos de mães solteiras. A escolha de madrinhas sagradas entre a comunidade escrava era rara em comparação com as famílias livres. No caso da freguesia de Nossa Senhora do Pilar, a escolha de Nossa Senhora ou Santa Ana era muito comum nas duas comunidades: livre e escrava. (Ver Tabela 4)

Mas é a predominância da Nossa Senhora e de Santa Ana que chama a atenção. Ana Vieira Rodrigues, nascida em Antônio Dias, teve duas crianças batizadas, em 1768 e 1771. A madrinha da primeira criança foi Santa Ana e a segunda Nossa Senhora. Outro exemplo é Antônia Moreira, uma crioula forra que em novembro de 1766, levou o primeiro dos seus oito filhos à pia batismal. Destas crianças, duas receberam Nossa Senhora como madrinha e três não receberam madrinhas. Somente a primeira nascida recebeu uma madrinha humana. No caso de Ana Gonçalves, crioula forra, só duas das suas nove crianças receberam madrinha sagrada, os gêmeos batizados em novembro de 1777 (Nossa Senhora do Terço).

**Tabela 5**  
**Madrinhas Sagradas - Amostra de Batismos de Antônio Dias**

	Famílias oficiais N.= 342 crianças	Mães solteiras e livres N. = 508 crianças	Escravos N. = 280 crianças
Nossa Senhora da Conceição	43	38	7
Santa Ana	20	15	7
Nossa Senhora do Terço	10	14	3
Nossa Senhora do Carmo	2	2	1
Nossa Senhora das Dores	2		
Nossa Senhora da Piedade	2		
Nossa Senhora do Ô	1		
Nossa Senhora do Rosário	1		
Nossa Senhora do Parto Bento		7	
Nossa Senhora das Merções		2	
Santa Rita		1	
N/C	2		
Total	83 24% dos batismos	79 16% dos batismos	18 6% dos batismos

**Tabela 6**  
**Paróquia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto**

	Livres	Escravos	Forros	N/C	Total
N.	4959	6067	231	38	11295
Sem madrinha	1413	1248	63	11	2735
% Sem madrinha	28%	20%	27%	29%	24%
Madrinha sagrada	45	15	-	-	60

A seleção de figuras santas como madrinhas aumenta o nosso entendimento da sociedade colonial. Primeiramente, podemos perceber a íntima relação com que as pessoas tratavam seus santos. As santas não eram figuras distantes, eram membros da família, mesmo que fosse a espiritual. Era uma maneira de domesticar o sagrado. A Virgem Maria como mãe foi transformada na padroeira informal das crianças recém-nascidas, uma protetora contra desastres e uma defesa contra o inesperado. Além disso, o uso de padrinhos santos traz o sagrado para dentro

do mais íntimo espaço de relações sociais e cria vínculos recíprocos. A escolha de padrinhos sagrados pode ser vista como uma maneira de se aproximar do mundo espiritual e de criar uma ponte entre o profano e o sagrado. Convém ressaltar que o sagrado é introduzido através das madrinhas e não através dos padrinhos, pois estes tinham um papel muito importante na sociedade, talvez tão relevante que o cargo não poderia ser preenchido por um santo. Deus ou Cristo poderiam ter sido escolhido, mas iria ser uma escolha presunçosa; a função de Nossa Senhora e a Santa Ana era justamente de servir de intermediária entre a o requerente e Deus ou Cristo.

Podemos ver esta idéia em vários lugares no *Catecismo da doutrina cristã*, baseado no catecismo do bispo francês Jean-Pierre Biord e publicado em Lisboa em 1791. A relação entre Cristo e os santos aparece no seguinte trecho:

*P. Para que he pedir aos Santos se Nosso Senhor Jesu Christo he o nosso Advogado, e Medianeiro?*

*R. Nosso Senhor Jesu Christo he o nosso Advogado para com seu Pai; e os Santos São nossos advogados para com Jesu Christo.*<sup>54</sup>

Continuando:

*P. E Nosso Senhor não he o nosso unico Medianeiro?*

*R. He o nosso unico Medianeiro de Redempção, mas os Santos são só medianeiros de Intercessão.*<sup>55</sup>

Aqui a Igreja reforçava os valores hierárquicos da sociedade: uma pessoa recorre a Virgem para que interceda junto a Jesus que, por sua vez, pede a Deus. Era o modelo da sociedade: a criança que pede a mãe que leva o pedido ao pai; ou o escravo que pede ao feitor que pede ao senhor. Tratava-se de mais um reforço de uma visão hierarquizada que dominava toda a sociedade.

A seleção de padrinhos sagrados não aparece nas resoluções do Concilio Tridentino ou nas *Constituições primeiras*. Na verdade, a tendência histórica foi a de criar definições rígidas e bastante específicas. No século XVIII, já ficara patente que a família espiritual era composta por um padrinho e uma madrinha, mas a tradição popular às vezes permitia outras soluções. Isto constituía uma forma de flexibilidade e pode ser visto na seleção de vários padrinhos. Pode-se ver este costume no caso de Manuel Nunes dos Reis e Josefa Maria de Jesus. É muito prová-

---

<sup>54</sup> *Catecismo da doutrina cristã*, 140.

<sup>55</sup> *Catecismo da doutrina cristã*, 140.

vel que Nunes dos Reis tenha nascido em Portugal. Foi identificado como um licenciado e um boticário. Nos assentos de seis filhos do casal descobre-se que o primeiro, Cosme, recebeu um padrinho e uma madrinha. Dos outros, porém e em ordem de nascimento, Páscoa teve dois padrinhos (Sargento-Mor Rodrigo da Rocha e Jacinto Martins); como foi o caso de Ana (Custodio Pinheiro e João Pereira de Araújo) e Vital (Capitão-Mor Domingos Correia Gomes e Antônio Gomes Tiberais), enquanto Arcângela e Cecília, receberam apenas um padrinho cada.

Muito irregular foi o batismo de Ana, a filha de um casal de indígenas, José e Maria Josefa, da aldeia Tapera. Os padrinhos foram o governador e São José. Foi a única vez em que a escolha de um padrinho recaiu sobre São José. Os governadores, por outro lado, serviram como padrinhos com uma certa freqüência, mas normalmente era uma honra reservada para pessoas da alta elite. Este caso sem dúvida constituiu um ato simbólico, mas é difícil saber qual o seu sentido. Vale, no entanto, como um sinal da presença indígena, difícil de ser encontrada na zona de mineração.

#### **D. Conclusão**

Esta base de dados de batismos da paróquia de Nossa Senhora do Pilar do Ouro Preto representa um recurso histórico da maior importância — abre uma janela para a história social de Vila Rica e, sem dúvida, de toda a zona de mineração. Um rito espiritual, central da religião católica, o batismo também mostrava funções sociais. Tratava-se de um convite para ingressar na comunidade de féis que também servia de oportunidade para criar teias sociais horizontais e verticais. E como vimos, estas teias tinham vários níveis. Os registros de assentos permitem que imaginemos, em vez de um recenseamento de indivíduos ou de famílias, um mapa social cheio de teias ligando as comunidades livres e escravas — um mapa de teias sobrepostas um em cima da outra. É mais uma confirmação de que a sociedade mineira do século de ouro se compunha por uma série de relações complexas que englobavam a maioria do povo sem abalar as estruturas hierárquicas. A nossa tendência é de ver o passado usando os valores e suposições do presente e de ver uma sociedade composta de indivíduos. No entanto, pode-se usar a história social dos batismos e a instituição do compadrio para descrever uma sociedade organizada ao redor de um complexo de teias invisíveis (mas reais) ligando indivíduos e famílias.

Esta análise de batismos e do compadrio deixa um retrato de uma sociedade em que valores espirituais eram significativos. Para muitos vilarriquenhos e mineiros, a religiosidade representou um aspecto importante da sua vida e o batismo significava um passo indispensável por

tudo que representava teologicamente. Não custa repetir — tratava-se da entrada na sociedade de crentes. Os padrinhos serviam como guias ou orientadores espirituais para os recém-iniciados ao mesmo tempo em que obviamente desempenhavam um papel social de grande importância, associando famílias e indivíduos. Parece que mais uma vez as estruturas religiosas também cumpriam funções sociais. Talvez seja essa união que melhor represente a história de Vila Rica durante o século dezoito.